



# Universidade Estadual de Londrina

---

GESSY APARECIDA FERNANDES PEREIRA

**O CONCEITO DO CUIDAR E DO EDUCAR PRESENTE NAS  
CARTAS SOBRE EDUCAÇÃO INFANTIL DE JOHANN  
HEINRICH PESTALOZZI**

---

LONDRINA  
2010

GESSY APARECIDA FERNANDES PEREIRA

**O CONCEITO DO CUIDAR E DO EDUCAR PRESENTE NAS  
CARTAS SOBRE EDUCAÇÃO INFANTIL DE JOHANN  
HEINRICH PESTALOZZI**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Pedagogia da  
Universidade Estadual de Londrina.

Orientador: Prof. Ms. Celso Luiz Junior.

LONDRINA  
2010

GESSY APARECIDA FERNANDES PEREIRA

**O CONCEITO DO CUIDAR E DO EDUCAR PRESENTE NAS  
CARTAS SOBRE EDUCAÇÃO INFANTIL DE JOHANN  
HEINRICH PESTALOZZI**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Pedagogia da  
Universidade Estadual de Londrina.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Celso Luiz Junior  
Prof. Orientador  
Universidade Estadual de Londrina

---

Maria Luiza Macedo Abbud  
Prof<sup>a</sup>. Componente da Banca  
Universidade Estadual de Londrina

---

Marta Regina Gimenez Favaro  
Prof<sup>a</sup>. Componente da Banca  
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

## **DEDICATÓRIA**

*Dedico este trabalho a todas as pessoas que amo e, principalmente, ao meu bom Deus pela oportunidade de desenvolver um trabalho que trará benefícios para a sociedade por apresentar um projeto de formação integral de Homem, proposto pelo grande educador Johann Heinrich Pestalozzi.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a minha mãe pelo ombro amigo em todos os momentos de angústia.

Ao meu noivo pelo amor incondicional e apoio prestado a mim sempre que precisei.

Ao meu irmão pelas palavras de ânimo e tranquilidade que me impulsionaram na continuidade da pesquisa.

A minha querida sobrinha, um anjinho em minha vida, um ser iluminado que traz alegria a minha vida.

Ao professor Celso Luiz Junior, que me ajudou orientando no desenvolvimento e produção escrita da pesquisa.

PEREIRA, Gessy Aparecida Fernandes. **O conceito do cuidar e do educar presente nas cartas sobre educação infantil de Johann Heinrich Pestalozzi**. 53 f. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

## RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar o conceito do cuidar e do educar presente na obra “cartas sobre educação infantil” de Johann Heinrich Pestalozzi, por considerá-lo um autor importante para a História da educação infantil. Influenciado pelas obras de Rousseau: “Emílio” e “O Contrato Social”, este educador iluminista elabora o seu projeto educativo que versava sobre a educação masculina desde a tenra idade. Nas cartas Pestalozzi afirma que cabe aos cuidados maternos o auxílio no desenvolvimento das capacidades do menino, pois o criador concedeu a ela as disposições necessárias, desde que esta faça uso do aprendizado com a experiência de vida aliado a uma boa formação escolar. Quanto a formação intelectual dos filhos, ao realizá-la a mãe deve utilizar-se de objetos concretos para que posteriormente o menino adquira conceitos abstratos. O fim da educação é preparar o indivíduo para um agir autônomo, para que seja capaz de atuar de forma significativa na sociedade. Este trabalho trata-se, portanto de uma pesquisa bibliográfica. As conclusões a que se chegou foram que o projeto educativo proposto por Pestalozzi pode ser ressignificado para o atual contexto da sociedade, por considerar importante este aprendizado, que antecede o ingresso na instituição escolar. Desta forma cabe a pedagogia apresentar conteúdos que tenham relação com o aprendizado que o aluno possui, sistematizando os conhecimentos que a criança traz de seu contexto social mais próximo, a família.

Palavras-chave: Pestalozzi. Cuidar. Educar. Mãe. História da educação.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>2 A EUROPA NOS SÉCULOS XVIII E XIX: A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL</b> .....	9
2.1 A REVOLUÇÃO FRANCESA.....	15
2.1.1 A Infância no Contexto Revolucionário.....	23
<b>3 PESTALOZZI: VIDA E OBRA</b> .....	28
3.1 PESTALOZZI E O ILUMINISMO.....	31
3.1.1 Influência das Obras de Rousseau: Emílio.....	32
3.1.1.1 Influência das obras de Rousseau contrato social.....	34
<b>4 CARTAS SOBRE EDUCAÇÃO INFANTIL</b> .....	38
4.1 O CUIDAR E O EDUCAR.....	39
4.1.1 A Formação Escolar da Mãe.....	42
4.1.1.1 Objetivos da educação.....	45
<b>CONCLUSÃO</b> .....	47
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	49

## 1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa realizou-se devido a importância que deve ser concedida ao processo de cuidar e educar atribuído aos cuidados maternos como forma de preparar os indivíduos, desde os primeiros dias de vida até seu ingresso na instituição escolar. A sociedade moderna vive um período de mudanças, principalmente nas questões educacionais exigindo um indivíduo com múltiplas capacidades. Hoje em dia é de grande importância uma formação de melhor qualidade e um suporte afetivo nas práticas pedagógicas para que o aprendizado ocorra de forma contínua sendo iniciado desde a infância com os pais, e continuado no âmbito escolar. Trabalhos realizados que procuram pesquisar a relação entre o cuidar e o educar desde a etapa que antecede a educação escolar demonstram que as crianças se transformam em indivíduos autoconfiantes e progredem melhor em sua vida acadêmica ou social quando sentem segurança e confiança em relação a suas produções por parte dos adultos que a cercam, principalmente em relação a figura materna.

Registra-se que o interesse pelo tema surgiu da necessidade deste cuidar e educar para a que o indivíduo tenha uma sólida base de formação que futuramente irá subsidiar sua futura aprendizagem. Cabe a pedagogia considerar estes conhecimentos prévios das crianças no processo ensino aprendizagem.

O livro “cartas sobre Educação infantil” de Johann Heinrich Pestalozzi um iluminista nascido em pleno século XVIII, apresenta uma concepção de educação em que o cuidar e o educar, devem estar aliados para a formação integral da criança proporcionando o desenvolvimento intelectual e moral. As obras deste autor não foram traduzidas para o português. A falta de acesso às obras na língua nacional dificultou a pesquisa, mas através das cartas sobre educação infantil em Espanhol, o idioma mais próximo da língua portuguesa, foi possível compreender um pouco da contribuição que este grande educador nos deixou.

Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico. Procurou-se fazer uma análise de uma obra específica de Johann Heinrich Pestalozzi, o livro “Cartas sobre educação infantil”. Este um dos maiores críticos da concepção de infância



existente no século XVIII, sendo que seu projeto de formação moral e intelectual continua ainda atual.

Esta pesquisa tem como objetivo geral fazer uma análise do projeto educativo elaborado por Pestalozzi durante o século XVIII. Como objetivo específico visou-se discutir o conceito do cuidar e do educar na obra: Cartas sobre educação infantil e qual a perspectiva de formação integral está contida na obra.

Portanto abordam-se no primeiro capítulo o contexto histórico da Europa nos séculos XVIII e XIX no qual estão presentes a revolução industrial a revolução Francesa e a transformação histórica do conceito de infância ocorrida no decorrer do século XIX, com o surgimento das instituições educativas que colocaram a criança no centro da pedagogia.

No segundo capítulo, buscou-se apresentar a vida, obra e o projeto educativo de Pestalozzi, além das obras de Rousseau: “Emílio” e o “Contrato social”, que tiveram grande influência em Pestalozzi.

.No terceiro capítulo, foi procurado focalizar o problema pesquisado: O conceito do cuidar e do educar nas cartas sobre educação infantil.

## 2. A EUROPA NOS SÉCULOS XVIII E XIX: A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Dentre os acontecimentos mais significativos ocorridos na Europa nos séculos XVIII e XIX destacam-se a revolução industrial e a revolução Francesa, considerando que as mudanças resultantes repercutiram em âmbito mundial. A revolução industrial ocorreu na Inglaterra em 1780, mas foi na década de 1830 que ela passou a repercutir fora do País. Esta revolução não teve um início e um fim, sua essência foi à mudança revolucionária que ainda está em andamento.

Ela ainda prossegue; quando muito podemos perguntar quando as transformações econômicas chegaram longe o bastante para estabelecer uma economia substancialmente industrializada, capaz de produzir [...] uma “economia industrial amadurecida” [...]. (HOBBSAWM, 2005, p.51)

No mundo e principalmente na Grã-Bretanha o período de industrialização teve início em 1780 culminando com a construção das ferrovias e a indústria pesada na Grã-Bretanha em 1840. A Revolução industrial ocorrida no século XVIII é resultante do grande desenvolvimento industrial e comercial de Portugal a Rússia, executado pelos servidores civis e ministros de iluminadas monarquias Europeias preocupados com o avanço econômico.

Com condições adequadas, as inovações técnicas da revolução Industrial ocorreram por si mesmas. A teoria para as máquinas a vapor desenvolveu-se na década de 1820 pelo Francês Carnot. Mas os primeiros industriais estavam em busca da ciência e seus práticos benefícios. Diante do que nos diz Hobsbawm:

[...] as condições adequadas estavam visivelmente presentes na Grã-Bretanha, onde mais de um século se passara [...] e desde que o lucro privado e o desenvolvimento econômico tinham sido aceitos como os supremos objetivos da política governamental. (HOBBSAWM, 2005, p.54)

Para solucionar o problema agrário Britânico, muitos proprietários praticamente monopolizavam a terra, cultivada por arrendatários que empregavam camponeses sem terra e agricultores de pequeno porte. O trabalho na agricultura era completamente dirigido para o mercado e as manufaturas se disseminavam pelo interior não feudal.

A agricultura já estava preparada para levar a termo suas três funções fundamentais numa era de industrialização: aumentar a produção e a produtividade de modo a alimentar uma população não agrícola em rápido crescimento; fornecer um grande e crescente excedente de recrutados em potencial para as cidades e as indústrias; e fornecer um mecanismo para o acúmulo de capital a ser usado nos setores mais modernos da economia. (HOBSBAWM, 2005, p.54)

Um grande capital social foi sendo desenvolvido através da construção de uma frota mercante com facilidades portuárias e melhores condições das vias navegáveis e estradas. As bases sociais necessárias a uma sociedade industrial foram lançadas de acordo com os acontecimentos na Inglaterra em fins do século XVIII, em que eram necessárias duas condições:

[...] primeiro, uma indústria que já oferecesse recompensas excepcionais para o fabricante que pudesse expandir sua produção rapidamente [...] e segundo, um mercado mundial amplamente monopolizado por uma única nação produtora. (HOBSBAWM, 2005, p.56)

Tais aspectos estavam presentes apenas na Grã - Bretanha, que mostrou que suas técnicas podiam ser imitadas, e importados o capital e a sua habilidade. A Grã-Bretanha tinha uma indústria condizente com a pioneira revolução industrial nas condições capitalistas e uma condição econômica permitindo lançar-se na indústria algodoeira, além do crescimento da colônia. As oportunidades de expansão rápida desta indústria poderiam realizar-se no ultramar.

O comércio colonial tinha criado a indústria algodoeira, e continuava a alimentá-la. No século XVIII ela se desenvolvera perto dos maiores portos coloniais: Bristol, Glasgow e, especialmente, Liverpool, o grande centro do comércio de escravos. (HOBSBAWM, 2005, p.58)

Partes dos escravos Africanos eram pagos com produtos indianos de algodão, mas com a falta destas mercadorias, entrava em cena a região de Lancashire. Os escravos eram arrebanhados nas plantações das Índias Ocidentais de onde eram fornecidos para a indústria Britânica o grosso do algodão. O algodão também forneceu outras condições que tornaram possível a revolução.

Os novos inventos que o revolucionaram – a máquina de fiar, o tear movido a água, a fiadeira automática e, um pouco mais tarde, o tear a motor - eram suficientemente simples e baratos [...] em termos de maior produção. (HOBSBAWM, 2005, p.60)

A maior forma de crescimento da indústria do século XVIII foi conforme afirma Hobsbawm (2005, p.62) “[...] o chamado sistema “doméstico”, no qual os trabalhadores [...] trabalhavam a matéria prima em suas próprias casas”.

Até 1830, o algodão pertencia à única indústria Britânica onde era predominante a fábrica ou o engenho concedendo ao país grande crescimento econômico. Por volta da década de 1830 e início da década de 1840 começaram a surgir grandes problemas na indústria algodoeira. A revolução social revelou-se através dos levantes espontâneos pelos trabalhadores da indústria e as camadas menos abastadas da sociedade, resultando nas revoluções de 1848 no continente, e na Grã-Bretanha os movimentos cartistas.

Os trabalhadores de espírito simples reagiram ao novo sistema destruindo as máquinas [...] mas um grande e surpreendente número de homens de negócios e fazendeiros ingleses simpatizava profundamente com estas atividades dos seus trabalhadores [...] porque também eles se viam como vítimas [...] de inovadores egoístas. (HOBSBAWM, 2005, p. 65)

Através da exploração da mão-de-obra os ricos acumulavam os lucros financiando a industrialização que resultava num conflito com a classe proletária e a pequena burguesia. Todo o descontentamento destas duas classes estava presente nos movimentos do radicalismo e da República representados pelos Britânicos radicais, Republicanos Franceses e os democratas jacksonianos Americanos entre 1815 e 1848. De certa forma havia problemas no processo econômico, ameaçando o principal objetivo dos capitalistas: o lucro.

Por volta da década de 1830, [...] mais ou menos se reconhecia que as crises eram fenômenos periódicos regulares, ao menos no comércio e nas finanças. [...] Não se acreditava que elas refletissem quaisquer dificuldades fundamentais do sistema. (HOBSEBAWM, 2005,p.66)

Já a indústria algodoeira apresentava uma decrescente margem de lucro. Inicialmente ela se beneficiou pelo aumento da produtividade através da mecanização da produtividade realizada em sua maioria por mulheres e crianças que recebiam salários miseráveis. Após 1815 estas vantagens diminuíram, devido a redução da margem de lucros. O corte dos custos para aumentar o lucro ocorreu na redução do salário dos trabalhadores e a competição da máquina com a mão-de-obra.

[...] a indústria algodoeira Britânica se achava tecnicamente estabilizada por volta da década de 1830. [...] isto não se deu em uma escala revolucionária. A aceleração realmente substancial da indústria iria ocorrer na segunda metade do século. (HOBSEBAWM, 2005, p.69)

A próxima fase de desenvolvimento trouxe à tona a necessidade de uma indústria básica de bens de capital. A Grã-Bretanha necessitava de grandes investimentos em longo prazo, porque era um grande produtor de ferro.

Em 1790, a produção britânica suplantou a da França em somente 40% , se tanto, e mesmo em 1800 era consideravelmente menor que a metade de toda a produção do continente [...] Na verdade, a produção britânica de ferro, comparada à produção mundial, tendeu a afundar nas décadas seguintes. (HOBSBAWM, 2005, p.71)

Estas desvantagens não afetavam em grande parte a mineração, em especial a do carvão. Além de máquinas potentes nas minas eram necessários também meios de transporte que trouxessem boa quantidade de carvão delas até a superfície nos pontos de embarque.

Nenhuma outra inovação da revolução industrial incendiou a imaginação quanto a ferrovia [...] Mal tinham as ferrovias provado ser tecnicamente viáveis e lucrativas na Inglaterra [...] e planos para sua construção já eram feitos na maioria dos países do mundo ocidental, embora sua execução fosse geralmente retardada. (HOBSBAWM, 2005, p.72)

As primeiras linhas foram criadas nos EUA em 1827, em 1828 na França, na Alemanha e na Bélgica em 1835 e na Rússia em 1837. Apesar do alto custo às ferrovias abriram caminho até o momento isolados do mercado mundial. O primeiro e principal fator a ser considerado na industrialização foi,

[...] o da mão-de-obra, pois uma economia industrial significa um brusco declínio proporcional da população agrícola [...] e um brusco aumento da população não agrícola [...] e quase certamente, [...] um rápido aumento geral da população, o que portanto implica, em primeira instância, um brusco crescimento no fornecimento de alimentos, principalmente da agricultura doméstica - ou seja, uma "revolução agrícola". (HOBSBAWM, 2005, p. 76)

As cidades tiveram um crescimento acelerado na Grã-bretanha, resultando em pequenas melhorias. O crescimento na produção foi resultante da utilização da descoberta de métodos dos anos iniciais do século XIII, e através da expansão e racionalização da área cultivada. Toda esta mudança ocorreu devido à

transformação social, não tecnológica e a cultura de subsistência e de atitudes diferentes das comerciais no que diz respeito à terra. De acordo com Hobsbawm

Graças a evolução preparatória dos séculos XVI a XVIII, esta solução radical [...] que fez da Grã-Bretanha um país de alguns grandes proprietários, [...] foi conseguida com um mínimo de problemas, embora intermitentemente sofresse a resistência não só dos infelizes camponeses pobres como também da pequena nobreza tradicionalista do interior. (HOBSBAWM, 2005, p.77)

Estas reações contra a implantação do capitalismo no interior foram derrotadas pelo avanço da classe média após 1930, com o novo decreto dos pobres de 1834 e a extinção das leis do trigo em 1846. Esta mudança social resultou num grande sucesso, mas trazia um grande sofrimento humano. Para efetuar-se o crescimento desta indústria era necessário conseguir uma boa quantidade de trabalhadores com habilidades e qualificações necessárias. Todos os operários deveriam aprender a trabalhar diariamente em ritmo regular ininterrupto e a mão-de-obra deveria atender aos incentivos monetários. Os capitalistas Britânicos não estavam satisfeitos com o trabalho demorado do operário, passando a empregar mulheres e crianças. Outra forma de garantir a mão-de-obra era o subcontrato ou tornar os trabalhadores qualificados empregadores dos auxiliares que não tinham experiência. Conforme afirma Hobsbawm

De fato, a industrialização Britânica apoiava-se neste fornecimento não planejado das qualificações mais altas, enquanto a indústria continental não podia fazê-lo. Isto explica a chocante negligência com a educação técnica e geral neste país, cujo preço seria pago mais tarde. (HOBSBAWM, 2005, p.80)

Além deste problema de mão-de-obra os de investimento de capital eram menos significativos. A dificuldade predominante era que grande parte dos que controlavam este capital durante o século XVIII resistiam em investir nas indústrias mais recentes. Além de investir seu capital nas empresas que incentivavam a industrialização, principalmente nos transportes e nas minas. No final deste mesmo

século a política do governo comprometia-se com a superioridade dos negócios em relação aos outros Países competidores.

## 2.1 A REVOLUÇÃO FRANCESA

A política e a ideologia mundial do século XIX se formaram através da Revolução Francesa ocorrida no mais poderoso e populoso Estado da Europa. Conforme afirma Hobsbawm (2005, p.85)

A revolução Francesa é um marco em todos os países. Suas repercussões, [...] ocasionaram os levantes que levaram a libertação da América Latina depois de 1808. [...] foi, como se disse bem, “ o primeiro grande movimento de idéias da cristandade ocidental que teve qualquer efeito real sobre o mundo islâmico” e isto quase que de imediato.

A França teve uma influência universal e direta em relação aos movimentos revolucionários sendo incorporadas ao comunismo e socialismo modernos. De acordo com Hobsbawm (2005, p.86) “Durante todo o século XVIII a França foi o maior rival econômico da Grã-Bretanha”. Mesmo assim a França não era considerada uma potencia como a Grã-Bretanha.

Algumas reformas propostas pelos déspotas esclarecidos que visavam abolir as restrições e desigualdades sociais eram consideradas inaplicáveis ou fracassaram diante da resistência dos aristocratas locais. De acordo com Hobsbawm (2005, p.87) “[...] as forças da mudança burguesa [...] simplesmente transferiram suas esperanças de uma monarquia esclarecida para o povo ou a ” nação”. Os Franceses que compunham a nobreza, mantinha privilégios como a isenção de impostos, além de beneficiar-se com os tributos feudais. Já a monarquia absoluta havia destituído os nobres de sua responsabilidade e independência política reduzindo ainda as suas velhas instituições de maior representação, os estados.



A alta aristocracia e a nobreza expressavam o descontentamento dos burgueses e aristocratas nas assembléias e cortes remanescentes de justiça.

Era portanto natural que os nobres usassem [...] os privilégios reconhecidos. Durante todo o século XVIII, na França como em tantos outros países, eles invadiram decididamente os postos oficiais que a monarquia absoluta preferira preencher com homens da classe média [...] (HOBSBAWM, 2005, p.88)

A nobreza além de exasperar os sentimentos propostos pela classe média também corroía o Estado devido ao fato de assumir a administração provinciana e central. A nobreza e os cavaleiros da província que detinham poucos recursos procuravam aumentar a sua renda extorquindo dinheiro das classes residentes no campo. Nesta época a maioria dos Franceses não eram proprietários de terras ou tinha uma quantia insuficiente. A estrutura administrativa e fiscal do reino era obsoleta e mesmo a tentativa de modificar a situação devido às reformas de 1774-6, mas não obteve êxito por causa da resistência de interesse encabeçada pelos parlamentos.

A França envolveu-se na guerra que visava à independência dos Estados Unidos e saiu vitoriosa contra a Inglaterra, com isso a revolução Americana proclamou-se como resultante direta da revolução Francesa. A Revolução Francesa não foi um movimento organizado. Ela representou

[...] um surpreendente consenso de idéias gerais entre um grupo social bastante coerente [...] deu ao movimento revolucionário uma unidade efetiva. O grupo era a "Burguesia"; suas idéias eram as do liberalismo clássico, [...] formuladas pelos "filósofos" e "economistas" e difundidas pela maçonaria e associações informais. (HOBSBAWM, 2005, p.90)

Este grupo constituiu o colapso de um antigo regime pela efetiva substituição de um novo. Como afirma Hobsbawm (2005, p.91) "[...] as exigências do burguês foram delineadas na famosa Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789". Este manifesto visava à criação de uma sociedade igualitária e

democrática, mas afirma que os homens são diferentes no campo da utilidade comum.

“A fonte de toda a soberania”, dizia a Declaração, “reside essencialmente na nação”. [...] “O povo” identificado com a “nação” era um conceito revolucionário; mais revolucionário do que o programa liberal-Burguês que pretendia expressá-lo. (HOBSEAWM, 2005, p.91)

Os trabalhadores pobres e camponeses analfabetos foram eleitos pelo processo de eleição indireto para representar o terceiro estado, resultando na primeira vitória revolucionária ao subsidiar a população instruída militante e os camponeses.

[...] Em 1788 e 1789 uma convulsão de grandes proporções no reino e uma campanha de propaganda e eleição deram ao desespero do povo uma perspectiva política. E lhe apresentaram a tremenda e abaladora idéia de se libertar da pequena nobreza e da opressão. (HOBSEAWM, 2005, p. 93)

A contra-revolução modificou as ações da massa transformando-a em um levante de ações afetivas. Um dos maiores resultantes da contra-revolução foi à queda da Bastilha. Apenas em 1793 o feudalismo foi abolido, e ao final de agosto a revolução teve sua manifestação formal. A política revolucionária burguesa tinha por objetivo dominar as gerações futuras. A revolução Francesa possuiu uma peculiaridade, é que uma parcela da classe média liberal estava preparada para permanecer revolucionária, eram os Jacobinos, que sustentavam o radicalismo, pelo fato de não existir uma classe que apresentasse uma solução aos problemas sociais como alternativa ao que era proposto por eles. Assim surgiram os sansculottes como alternativa para o radicalismo Burguês. Estes representavam uma tendência política que visava apresentar os interesses da massa de pequenos agricultores que havia entre o burguês e o proletariado. Em 1793 eles conseguiram dificultar o desenvolvimento econômico Francês daquela época até a atualidade. Este fenômeno é conhecido como sinônimo de jacobinismo, dando-lhe liderança no ano II. Diante do que afirma Hobsbawm:

Entre 1789 e 1791, a vitoriosa burguesia moderada, atuando através do que tinha a esta altura se transformada na Assembléia Constituinte, tomou providências para a gigantesca racionalização e reforma da França, que era seu objetivo. (HOBSBAWM, 2005, p. 97)

A perspectiva da Assembléia Constituinte era completamente liberal. Em relação ao sindicato dos trabalhadores houve a interdição e abolição de corporações e grêmios de pequenos artesãos. Somente a partir de 1790 foi dada satisfação à camada comum da sociedade.

A constituição de 1791 rechaçou a democracia excessiva através de um sistema de monarquia constitucional baseada num direito de voto censitário dos “cidadãos ativos” reconhecidamente bastante amplo. Esperava-se que os passivos honrassem sua denominação. (HOBSBAWM, 2005, p.98)

Isto não foi efetivado, porque a monarquia não se conformou com o novo regime. A corte aspirava que os plebeus fossem banidos e o rei da França voltasse a seu lugar de direito. Através da constituição civil do clero em 1790 na tentativa de destruir a lealdade absolutista romana da igreja. Esta ação levou o rei da França a tentar fugir do país, mas foi recapturado. A partir deste momento o republicanismo se tornou força de massa. A economia incontrolada de livre imprensa dos moderados incentivou o aumento dos preços dos alimentos e a militância dos indivíduos de classe baixa das cidades, principalmente em Paris.

Duas forças levaram a França a uma guerra geral: a extrema direita e a esquerda moderada. O rei, a nobreza francesa e a crescente emigração aristocrática e eclesiástica, acampados em várias cidades da Alemanha ocidental, achavam que só a intervenção estrangeira poderia restaurar o velho regime. (HOBSBAWM, 2005, p.99)

Esta intervenção não foi organizada facilmente, devido à política estável de outros países. Mas era evidente para tais governantes e nobres que restaurar o poder de Luis XVI era uma importante proteção contra a propagação de idéias perturbadoras advindas da França. As forças que visavam à reconquista da França concentraram-se no exterior.

Para os franceses, bem como para seus numerosos simpatizantes no exterior, a libertação da França era simplesmente o primeiro passo para o triunfo universal da liberdade, uma atitude que levou facilmente a convicção de que era dever da pátria da revolução libertar todos os povos que gemiam debaixo da opressão e da tirania. (HOBSBAWM, 2005, p. 99)

Existia entre estes revolucionários, extremistas e moderados uma vontade contínua de propagar a liberdade. O movimento Francês visava iniciar os planos de liberdade de outros povos. As dificuldades do novo regime eram atribuídas aos tiranos estrangeiros e emigrantes, lançando contra eles os descontentes populares. Logo se viu que a guerra poderia ser efetuada com uma intenção lucrativa.

Por todas estas razões [...] as conquistas da revolução viriam a combinar a libertação, a exploração e a digressão política. A guerra foi declarada em abril de 1792. [...] Em agosto-setembro, a monarquia foi derrubada, a república estabelecida e uma nova era da história humana proclamada, com a instituição do ano I do calendário revolucionário, pela ação armada das massas sansculottes de Paris. (HOBSBAWM, 2005, p.100)

Guerras revolucionárias apresentam uma lógica própria. O partido então dominante na atual convenção foi o dos girondinos, um grupo de oradores parlamentares representando à burguesa da província. Diante deste fato,

[...] a jovem República Francesa descobriu ou inventou a guerra total: a total mobilização dos recursos de uma nação através do recrutamento, [...] e de uma economia de guerra rigidamente controlada, e da virtual abolição, em casa e no exterior, da distinção entre soldados e civis. (HOBSBAWM, 2005, p.101)

Os Sansculottes apoiaram o governo revolucionário da guerra, porque seus métodos conseguiam a mobilização do povo e justiça social. Já os Girondinos temiam os resultados da revolução e visavam expandir a guerra ao seu rival econômico, a Grã-Bretanha. Neste desafio obtiveram sucesso. Conforme afirma Hobsbawm (2005, p.102) “Por volta de Março de 1793, a França estava em guerra

contra a maior parte da Europa e tinha dado início a anexações estrangeiras”. A expansão da guerra acabou dando forças a esquerda.

Batendo em retirada e derrotada taticamente, a gironda foi finalmente levada a ataques mal calculados contra a esquerda, que logo se transformariam em uma revolta provinciana organizada contra Paris. Um rápido golpe dos sansculottes derrubou-a em 2 de junho de 1793. Tinha chegado à República jacobina. (HOBSBAWM, 2005. p. 102)

A primeira ação do regime jacobino foi mobilizar a massa contra os girondinos, preservando o apoio dos sansculottes de Paris. Embora diferissem em algumas exigências. Proclamou-se uma constituição radical até o momento retardada pelos girondinos.

De acordo com este nobre documento, [...] dava-se ao povo o sufrágio universal, o direito de insurreição, trabalho ou subsistência, e [...] a declaração oficial de que a felicidade de todos era o objetivo do governo e de que os direitos do povo deveriam ser não somente acessíveis, mas também operantes. (HOBSBAWM, 2005, p.104)

Esta foi à primeira constituição democrática proclamada através de um Estado moderno. Os jacobinos aboliram os direitos remanescentes feudais, deram maior oportunidade ao pequeno comprador de adquirir as terras confiscadas de emigrantes. Meses depois conseguiram a abolição da escravidão nas colônias Francesas. Estas medidas tiveram diversos resultados.

Na França estabeleceram esta cidadela inexpugnável de pequenos e médios proprietários camponeses, pequenos artesãos e lojistas, economicamente retrógrados, mas apaixonadamente devotados a Revolução e a República, que tem dominado a vida do país desde então. (HOBSBAWM, 2005, p.105)

A transformação da agricultura capitalista e da pequena empresa ocorreu de forma lenta. O governo efetivado pela aliança entre sansculottes e jacobinos inclinou-se para a esquerda. De acordo com Hobsbawm (2005, p.105)

”Isto se refletiu no reconstruído Comitê de Salvação Pública, que rapidamente se transformou no efetivo Ministério da Guerra Francês.” Maximilien Robespierre tornou-se seu membro de maior influência. Robespierre foi apenas um membro do Comitê, seu poder vinha da aliança com as massas parisienses. Mas quando ela o abandonou, ele caiu.

A tragédia de Robespierre e da República jacobina foi que eles mesmos foram obrigados a afastar este apoio. O regime era uma aliança entre a classe média e as massas trabalhadoras, mas voltado para a classe média. (HOBSBAWM, 2005, p.106)

A aliança entre jacobinos e sansculottes foi tolerada porque uniam as massas ao regime sem atemorizar os proprietários. Quanto ao processo de guerra, Hobsbawm relata que:

Por volta de 1794, o governo e a política eram monolíticos e dominados ferreamente por agentes diretos do comitê ou da Convenção [...] e por um amplo quadro de oficiais e funcionários jacobinos juntamente com organizações locais do partido. (HOBSBAWM, 2005, p.106)

As necessidades econômicas devido à guerra distanciaram-se do apoio popular. Nas áreas urbanas o controle dos preços e o racionamento traziam benefício as massas, mas o congelamento de salários trazia prejuízo a elas. Já os moderados defensores da revolução estavam intimidados com o ataque contrário a oposição da direita, liderado por Danton. Robespierre adquiriu o apoio dos moderados por acabar com a corrupção que representava um dos alvos a ser alcançado através da revolução. Naquele momento estavam tendo início campanhas ideológicas de descristianização, mas a religião cívica de Robespierre buscava se contrapor aos ateus através dos preceitos de Jean Jacques. Mesmo assim nenhum dos políticos estava a salvo, conforme afirma Hobsbawm:

Por volta de abril de 1794, tanto a direita quanto a esquerda tinham ido para a guilhotina [...] Quando, no final de junho de 1794, os novos

exércitos da República demonstraram sua firmeza derrotando decididamente os austríacos [...] e ocupando a Bélgica, o fim estava perto. (HOBSBAWM, 2005, p.107)

Em 27 de Julho de 1794 Robespierre foi derrubado pela convenção e no dia posterior ele foi morto. Depois de alguns dias 87 componentes da Comuna de Paris também foram executados.

O problema com que se defrontava a classe média francesa no restante do que é tecnicamente descrito como o período revolucionário (1794-9) era como alcançar a estabilidade política e o avanço econômico nas bases do programa liberal de 1789-91. (HOBSBAWM, 2005, p.108)

Até a atualidade a classe média nunca conseguiu solucionar o problema de forma adequada. Apesar do esforço em manter uma sociedade burguesa contraria a República jacobina e o velho regime. A grande dificuldade dos sansculottes era a falta de apoio político. Eles estavam entre uma reação aristocrática arrependendo-se diante da queda de Robespierre.

Em 1795, projetaram uma elaborada constituição de controles e balanços para se resguardarem de ambos, e as periódicas viradas para a direita e a esquerda os mantiveram em precário equilíbrio; mas cada vez mais tinham que depender do exército para dispensar a oposição. (HOBSBAWM, 2005, p.109)

O exército liderado por Napoleão Bonaparte conquistou e resgatou o governo. Hobsbawm (2005, p.109) afirma que: “Este exército revolucionário foi o mais formidável rebento da República jacobina”. A Revolução concedeu a ele superioridade militar através do generalato de Napoleão. Considerando que,

[...] o exército era uma carreira como qualquer outra [...] e os que nele obtiveram sucesso tinham um interesse investido na estabilidade interna como qualquer outro burguês. Foi isto que fez do exército [...] um pilar do governo pós – termidoriano, e de seu líder Bonaparte uma pessoa adequada para concluir a revolução burguesa e começar o regime Burguês. (HOBSBAWM, 2005, p.110)

Além de liderar o exército Napoleão Bonaparte estabeleceu a forma de organização das instituições Francesas da forma como existem até a atualidade. Concedeu formas hierarquizadas, conservadoras e autoritárias a Revolução e ao diretório. Hobsbawm (2005, p.113) afirma que Bonaparte destruiu apenas uma coisa: “[...] a Revolução jacobina, o sonho de igualdade, liberdade e fraternidade, do povo se erguendo na sua grandiosidade para derrubar a opressão”.

Após a queda de Napoleão Bonaparte, foi este fato que trouxe inspiração as revoluções do século XIX.

### 2.1.1 A INFÂNCIA NO CONTEXTO REVOLUCIONÁRIO

A noção de infância como uma etapa diferenciada é uma invenção da modernidade. Na sociedade medieval o sentimento de infância não estava presente, apesar disto elas não eram rejeitadas ou abandonadas. Dessa forma ela mantinha-se condicionada a sobreviver sem a solicitação constante de sua mãe ou de sua ama, ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes (Áries, 1981, p.158). A diferença entre a criança e o adulto se resumia ao período em que ela necessitava de cuidados até superar a fase de risco de mortalidade. Neste período a criança se desenvolvia misturada à sociedade dos adultos, partilhando com estes suas experiências. Nesta sociedade medieval nasce um novo sentimento de infância,

[...] a criança, por sua ingenuidade, gentileza e graça, se tornava uma fonte de distração e de relaxamento para o adulto, um sentimento que poderíamos chamar de “paparicação”. [...] esse sentimento pertencera às mulheres, encarregadas de cuidar das crianças - mães ou amas. (ARIËS, 1981, p.158)

Até a forma como as crianças eram vestidas demonstrava a maneira como os adultos a compreendiam. Durante o século XVII as roupas das crianças imitavam a roupa do adulto. Os bebês eram presos em cueiros ou faixas, meninos ou meninas. As crianças copiavam os penteados complicados de seus pais,



atividades que poderiam ocasionar a imobilidade no corpo infantil. Já no século XVIII a roupa da criança diferencia-se da roupa dos adultos. Conforme afirma SNYDERS:

[...] o costume “á marinheira” (calças retas, pequena jaqueta, a volta do pescoço desabotoada) deixa ao menino a liberdade dos movimentos, e o incita a correr, a gesticular, a seguir os próprios ritmos. (SNYDERS, 1974, p.284)

Vestidos de forma simples e cômoda a criança tem segurança e agilidade. A partir deste momento foi concedida a criança uma liberdade preciosa. Passa a ser dada a ela uma roupa alegre e leve para que se forme sem encontrar barreiras a seus gestos, desta forma ela crescerá ágil e graciosa. No início da modernidade a criança passou de uma posição de anonimato a um adulto em miniatura. O primeiro sentimento surgiu na convivência com os familiares, o segundo surge do meio externo, pelos moralistas e confessores em repúdio a paporicação. Eles buscavam construir ou reconstruir a criança para a vida em sociedade. Este movimento tomou força a partir do século XVIII, quando se passou a defender e trabalhar a noção de inocência infantil. Por isso a sociedade passou a dar importância à necessidade de protegê-la para que na fase adulta não tenha o que corrigir. Consequentemente vem à tona a necessidade de isolá-la e submetê-la a uma vigilância constante preservando-a das coisas impuras do mundo.

No decorrer do século XIX foram às ciências humanas e em alguns momentos as instituições educativas burguesas que colocaram a criança no centro da pedagogia, respeitando sua função social e sua especificidade psicológica. A infância passou a ser vista como uma idade diferenciada em relação à fase adulta submetendo-se a um processo de evolução complexo e conflitante. Desta forma,

[...] a criança tornou-se o sujeito educativo por excelência, reclamando uma rearticulação das instituições educativas, reclamando o “jardim-de-infância” ao lado da escola, porque é justamente na idade pré-escolar que se desenvolve o germe da personalidade humana. (CAMBI, 1999, p.387)

A partir deste momento passa ser enfatizada a primeira infância e a educação familiar, com relação ao respeito à criança e sua espontaneidade.

Destacam-se teóricos que afirmam a bondade natural do homem, e o apelo a praticas libertadoras resultantes do amor pela infância. De acordo com Cambi (1999, p.424) “O educador deverá assumir um comportamento antiautoritário [...] agindo através do sentimento [...] e do jogo, que é visto como atividade “séria” e típica da infância”. Friedrich Froebel impregnado pelas idéias de Pestalozzi colocou em pratica a educação do sentimento e do jogo através dos jardins-de-infância ou Kindergarten em Alemão. As instituições denominadas de jardins-de-infância, pré-escolas ou escolas infantis, desde o seu surgimento eram tidas como equipamentos educativos que se destinavam as crianças de três a seis anos. Apesar de não ser uma etapa obrigatória no ensino já possuía uma função educativa. A educação infantil destinada às crianças de quatro a seis anos surgiu inicialmente com os jardins de infância criados por Froebel, sendo oficializado em 1840. A proposta educativa destes espaços era educar através da pedagogia dos jogos. Froebel destaca a importância da

[...] unidade entre o homem, seu criador e a natureza, a estreita conexão entre fenômenos da natureza e do espírito e evidencia como a educação pode garantir essa unidade, desde a infância. [...] Ao perceber a unidade ou continuidade entre infância, juventude e maturidade, verifica a necessidade de educar a criança desde que nasce para garantir o pleno desenvolvimento do ser humano. (KISHIMOTO, 2001, p.228)

A concepção do projeto do jardim-de-infância destinava-se a preparar a criança para desenvolver-se nos níveis subseqüentes. Froebel elaborou uma teoria que valoriza a ação espontânea e independente da criança desde que ocorra sob a orientação de um adulto e fazendo uso de brinquedos e materiais pedagógicos. A presença do brincar concede liberdade à criança de interagir e socializar com atores diversos e conhecer o mundo ao seu redor através da ação orientadora do profissional.

A brincadeira é a atividade espiritual mais pura do homem neste estágio, e ao mesmo tempo, típica da vida humana enquanto um todo - da vida natural interna no homem e de todas as coisas. Ela dá alegria, liberdade, contentamento, descanso externo e interno, paz com o mundo [...] A criança que brinca sempre, com determinação auto-ativa, perseverando, esquecendo sua fadiga física, pode

certamente tornar-se um homem determinado, capaz de auto-sacrifício para a promoção do seu bem e de outros [...] como sempre indicamos, o brincar em qualquer tempo não é trivial, é altamente sério e de profunda significação. (FROEBEL apud KISHIMOTO, 2001, p.229)

Esta fase é considerada como a mais importante da infância por apresentar-se auto-ativa, representa necessidades e impulsos internos. Em relação à concepção de infância Froebel afirma a importância da união entre Deus e a natureza além de ser transcendente a ela como unidade e centro motor. A natureza humana será boa enquanto as manifestações do homem forem como as manifestações infantis, genuína e espontânea. Portanto cabe a educação deixar que a criança se desenvolva reconhecendo o espiritual, o divino e o eterno através da comunicação com a natureza constituindo harmonia entre o individual e o coletivo. Faz - se necessário incentivar a criatividade da criança com sentimento pela arte através da utilização de cores, sons, ritmos, gravuras, etc. O jogo constitui atividade específica da criança, sendo considerado o maior grau de desenvolvimento humano. (CAMBI, 1999, p.426). Os Jardins-de-infância eram espaços equipados para o jogo e o trabalho infantil, para atividades em grupo sob a orientação de uma professora especializada. A intuição das coisas coloca-se no centro das atividades, e o que predomina é o jogo. O método Froebeliano,

[...] desenvolve também uma teoria dos “dados” [...] Os “dados” são uma espécie de material didático, constituído de objetos geométricos; estes devem iniciar a criança na compreensão da essência da natureza, sendo dotados de valor simbólico além de didático. Podem ser usados de múltiplas maneiras, mas ao mesmo tempo iniciam a uma leitura “filosófica” (simbólica) do mundo, referindo-se á unidade, ao dinamismo etc., e fixando na mente infantil estes princípios. Brincando com os “dados”, [...] a criança apreende as formas elementares do real, além de exprimir a própria atividade criadora. (CAMBI, 1999, p.426)

Além da questão formal dos dados, a pedagogia de Froebel apresentou uma imagem da infância como idade fantástica e criativa, devendo ser educada conforme suas próprias modalidades. Esta instituição infantil, tornada oficial em 1840 na Alemanha foi banida do país por apresentar uma política educacional que valoriza a autonomia infantil, concepção adversa ao autoritarismo presente

naquele país. Contudo acabou se expandindo para os Estados Unidos, além de outros países. A proposta Froebeliana visava à integração entre o brincar livre e a orientação do professor.

[...] sua expansão os separou em dois grupos: os que adotam os dons e suas ocupações valorizando os conteúdos escolares, tendo estrutura e funcionamento similares ao ensino fundamental com destaque para processos de escolarização e os que estimulam as brincadeiras e a expressão infantil, com espaços físicos diferenciados para uso independente da criança, assemelham-se à organização doméstica, estimulando a socialização. (KISHIMOTO, 2001, p.230)

Neste campo da educação infantil estes dois modelos identificados como socialização e escolarização assumem a maioria das propostas para esse nível de ensino.

Durante a revolução industrial a menção feita em relação ao espaço que a criança e a mulher ocupa refere-se a utilização da mão de obra feminina e infantil, resultante da exigência dos capitalistas pela realização de um trabalho menos demorado por parte do operário. Já no século XVIII a criança torna-se um sujeito educativo e a sociedade passa a construir a noção de infância como uma etapa diferenciada da fase adulta. É neste contexto que surge o educador Johann Heinrich Pestalozzi que procura implantar o seu projeto de educação masculina tendo como princípio o método intuitivo, o ensino técnico e a importância do cristianismo como forma de desenvolver todas as faculdades mentais da criança.

### 3. PESTALOZZI: VIDA E OBRA

Johann Heinrich Pestalozzi, tido como o fundador da escola primária nasceu em Zurique (Suíça), em 12 de Janeiro de 1746. Era filho de médico e seu avô era protestante. Ficou órfão de pai aos cinco anos, sendo cuidado pela mãe e uma criada. Frequentou a escola primária e secundária de sua cidade natal durante sete anos. Posteriormente frequentou um centro de ensino superior, o Collegium Carolinum, estudando humanidades. Durante o tempo que passou no Collegium seu professor Bodner o colocou em contato com a realidade educacional e econômica do povo. A partir deste momento ele dá início na atividade social e política, ao associar-se a uma sociedade liberal patriótica, posteriormente dissolvida em decorrência das ações do governo. Em 1769 casou-se com uma moça da burguesia de Zurique com quem teve seu primeiro e único filho. Ele e sua família se mudaram para sua propriedade Neuhof (Granja Nova)

Nela começa sua primeira experiência educacional, ao converter a granja num estabelecimento para educação de meninos pobres, que trabalhavam ao mesmo tempo que se educavam, tornando-a, dessa forma, verdadeira escola ativa ou do trabalho. (LUZURIAGA, 2001, p.174)

O ensino na escola teve a duração de quatro anos, de 1774 a 1780. Ao mesmo tempo em que Pestalozzi realizava a atividade educativa na escola, acabou por realizar grandes produções literárias. Em 1780 escreveu “os Serões de um solitário”, seguido pela novela popular “Leonardo e Gertrudes” em 1781, obtendo grande êxito. Após escreve outra obra de igual gênero, “Cristóvão e Elisa” que não teve grande ressonância. A Revolução Francesa produziu grande efeito em Pestalozzi, resultando em sua mais importante obra de caráter social e filosófico “Minhas investigações sobre a marcha da natureza no desenvolvimento do gênero humano” em 1797. A segunda fase de sua ação educativa é o asilo de Stans (1798), onde eram recolhidos mais de quatrocentos órfãos de guerra. Pestalozzi adoeceu devido ao excesso de trabalho realizado em prol dos meninos. A terceira fase educativa ocorreu em Burgdorf, inicialmente em uma escola com pouquíssimos

recursos, e posteriormente no castelo da povoação. Em Burgdorf ele elabora sua obra metodológica de maior importância: “Como Gertrudes instrui a seus filhos”, em 1801. O instituto de Burgdorf mudou-se devido a circunstâncias políticas, em 1804, para Munchenbuchsee, e teve de fechar logo. A última fase da carreira é representada através do instituto de Iverdon, um castelo estabelecido em 1805, em que foram desenvolvidas atividades durante vinte anos. Em 1825, ele abandonou Iverdon retirando-se para Neuhof, escrevendo sua última obra, “o canto do Cisne”, vindo há falecer dois anos depois. As idéias de Pestalozzi obtiveram grande repercussão na educação e na pedagogia da modernidade. Suas idéias não foram expostas de forma sistemática, mas apresentam uma unidade orgânica em seu conjunto de pensamento com relação à educação. Inspirado em seu desejo de transformar a sociedade através da ação educativa considera a família

[...] o núcleo primordial do qual surgem as demais instituições sociais. Mas a família não é suficiente como agente educador; necessita do complemento da escola e das demais instituições educacionais, que representam o meio vital social no qual cumpre educar a criança. (LUZURIAGA, 2001, p.175)

Desta forma a educação tem finalidade própria: humanizar o homem no desenvolvimento das diversas manifestações de vida humana, para que este alcance a perfeição. A educação natural e verdadeira leva os indivíduos à perfeição, a plenitude das capacidades.

As capacidades humanas a que Pestalozzi se refere revelam-se na tríplice atividade de “espírito, coração e mão”, isto é, a vida intelectual, a vida moral e a vida prática ou técnica, as quais hão de ser cultivadas integral e harmonicamente e, não, de modo unilateral e parcial. (LUZURIAGA, 2001, p.176)

Considera-se como essencial e verdadeiramente educativo o que influência o conjunto das capacidades do homem, ou seja, coração, espírito e mão. Junto a estas três fases existem outros graus de desenvolvimento na vida dos seres humanos: a família, o Estado e a humanidade, cada qual com sua especificidade. A educação familiar, educação escolar e a educação social e moral.

A educação doméstica é considerada como ponto de partida para o processo educativo. Na vida familiar é predominante o trabalho em comum e o amor, o fundamento de toda educação.

Com relação à escola Pestalozzi apresenta a importância da atividade manual vinculada a atividade intelectual. A educação deve articular-se numa atmosfera abstrata, partindo de circunstâncias concretas. O que resulta da necessidade de trabalhar o aspecto particular da vida dos seres humanos para chegar à educação profissional ou vocacional. Dessa forma, a educação intelectual

[...] assenta na intuição [...] Mas por intuição não há que entender apenas a mera visão passiva dos objetos sensíveis, a contemplação de coisas, e sim atividade de espírito mediante a qual as formas do pensamento se põem em contacto, de modo direto, com seus conteúdos, sejam de ordem material, sejam de ordem ideal. É o próprio conhecimento em ação ou realização. Esse conhecimento pode reduzir-se a três formas elementares, do número, da forma e da palavra, que são “produtos da inteligência, criados por intuições maduras, e devem ser considerados meios para a precisão progressiva de nossos conceitos”. (LUZURIAGA, 2001, p.177)

A atividade na educação é uma das idéias essenciais de Johann Heinrich Pestalozzi. Nas escolas criadas por ele as crianças trabalhavam e aprendiam ao mesmo tempo. Para ele o aprendiz não adquiria conhecimento se este não fosse aliado a atividades praticas.

Quanto à educação religiosa, esta é afirmada constantemente, mas sem caráter confessional ou dogmático. Para ele a educação religiosa deve estar baseada no amor materno elevando-se a crença e amor cristão.

[...] a educação não se limita à existência: deve agir sobre a essência, visando à autonomia moral e à transcendência espiritual do homem: “Ela (a mãe) perceberá que a educação não pode consistir numa série de admoestações e correções [...] verá que, ao contrário, a educação deve representar uma cadeia ininterrupta de providências derivadas de um princípio idêntico – do reconhecimento das imutáveis leis da nossa natureza; de providências ditadas por um espírito idêntico, o espírito da benevolência e da firmeza e que tem em mira um objetivo idêntico: o de elevar o homem à verdadeira dignidade de ser espiritual. (PESTALOZZI, apud INCONTRI, 1997, p. 96)

O projeto de formação intelectual e moral proposto por Pestalozzi dispõe que a meta final da educação não deve levar em conta apenas o aperfeiçoamento dos conhecimentos escolares do aluno, sim o preparo para a vida, para um agir autônomo.

### 3.1 PESTALOZZI E O ILUMINISMO

O século XVIII efetuou uma grande emancipação dos poderes supranacionais advindos dos povos e estados, levando em conta que a educação até o momento foi utilizada para a formação da mente e da moral da sociedade burguesa, considerando-a soberana com poderes quase que divinos. Neste mesmo século surgem concepções filosóficas baseadas no iluminismo, que é:

[...] “a linha filosófica caracterizada pelo empenho de estender a crítica e o guia da razão em todos os campos da experiência humana. (...) O iluminismo não é somente compromisso crítico da razão: é ainda o compromisso de servir-se da razão e dos resultados que ela pode conseguir nos vários campos de pesquisa para melhorar a vida particular e associativa de cada homem” (ABBAGNANO apud INCONTRI, 1997, p.17)

Na segunda metade do século XVIII a revolução Francesa transforma a história, com o povo tendo acesso ao governo e o regime parlamentar sendo divulgado na Europa, iniciando pela Inglaterra. A educação é colocada em primeiro plano nas preocupações dos políticos, reis e pensadores. O iluminismo apresenta outras características como: o empirismo que se refere à experiência e observação como forma de adquirir conhecimento, valorizando a ciência. Além de firmar que os homens são individualmente dotados de razão e liberdade. Esta pressuposição ocasionou práticas e teorias reformistas e revolucionárias. A partir deste momento surge um dos maiores pensadores da educação: o iluminista Pestalozzi. Este educador foi grandemente influenciado pelas obras: “Emílio” e o “Contrato Social” de Jean Jacques Rousseau.



### 3.1.1 INFLUÊNCIA DAS OBRAS DE ROUSSEAU: EMÍLIO

No Emílio Rousseau apresenta a importância da existência de um preceptor que acompanhe o menino desde o nascimento ao casamento. Emílio órfão e nobre deve ser levado para o campo e crescer sob orientação vigilante e atenta do preceptor. Este irá ensinar-lhe como seguir a via traçada pela natureza, crescendo de forma lenta. Segundo CAMBI (1999, p.348) “[...] assim ocorre tanto para as várias disciplinas científicas como para a história, a religião e a moral”. O preceptor deve retardar ao máximo estes aprendizados. Deve também orientar e corrigir o menino evitando os maus hábitos e desvios de comportamentos considerados naturais. O objetivo final é formar como afirma CAMBI (1999, p. 348) “Simplesmente um Homem”. Bem educado que possa cumprir os outros estados referentes a ele.

Viver é o ofício que quero ensinar-lhe. Ao sair de minhas mãos, concordo que [...] será homem, em primeiro lugar; tudo o que um homem deve ser, ele será capaz de ser, se preciso, tão bem quanto qualquer outro; e, ainda que a fortuna o faça mudar de lugar, ele sempre estará no seu. (ROUSSEAU, 2004, p.15)

O homem natural realiza-se através de cinco etapas. A primeira dedica-se a idade infantil através de uma educação higiênica. Rousseau afirma que a liberdade dos movimentos faz-se necessária ao desenvolvimento da criança.

Uma criança cujo corpo e cujos braços estão livres infalivelmente chorará menos do que uma criança enfaixada. Quem conhece apenas necessidades físicas, só chora quando sofre, e isso é uma grande vantagem, pois então sabemos exatamente quando precisa de ajuda e não devemos demorar um minuto para socorrê-la, se possível. [...] sem mimá-la. (ROUSSEAU, 2004, p. 59)

Na idade da puerícia, ou seja, dos doze aos treze anos a infância caracteriza-se pela fraqueza, dependência, liberdade e curiosidade. Nesta idade é necessário que o educador intervenha ensinando através das experiências diretas da criança.

Deixai-o sozinho em liberdade, vede-o agir sem nada lhe dizer; considerai o que fará e como se arranjará. Não precisando provar a si mesmo que é livre, jamais faz nada por travessura [...] não sabe ele que é senhor de si mesmo? [...] Seja o que for que ele queira fazer, jamais tentará nada que esteja acima de suas forças [...] (ROUSSEAU, 2004, p. 207).

O objetivo da educação nesta fase é o fortalecimento do corpo e utilizar corretamente os sentidos, além da instrução de alguns elementos escolarizados: “Um pouco de desenho e geometria”. CAMBI (1999, p. 349)

Na pré - adolescência da criança, a formação do intelecto do rapaz surge através do estímulo proporcionado pelo ambiente utilizando o método empírico. O livro que deveria ser utilizado era o Robinson Crusoe, porque ativa a curiosidade do menino incentivando sua aprendizagem. Emílio também deve aprender um trabalho honesto.

A primeira e a mais respeitável de todas as artes é a agricultura; [...] a forja em segundo lugar, a carpintaria em terceiro, e assim por diante. A criança que não tiver sido seduzida pelos preconceitos vulgares pensará exatamente assim. (ROUSSEAU, 2004, p.250)

Na adolescência começam a surgir as paixões, e uma preocupação em relação aos outros homens, através de uma concepção de mundo religiosa baseada no deísmo. É necessário dar importância à centralidade da consciência como princípio de crença no divino e na lei moral. Agora Emílio pode se apaixonar e procurar a sua mulher ideal, sua Sofia. Emílio decide ir morar no campo, procurando refugio das cidades corrompidas. Até que Emílio chegue a adolescência deve ser considerada a importância da primeira educação

[...] deve ser puramente negativa. Consiste não em ensinar a virtude ou a verdade, mas em proteger o coração contra o vício e o espírito contra o erro. Se pudésseis nada fazer e nada deixar que fizessem, se pudésseis levar vosso aluno são e robusto até a idade de doze anos [...] sem preconceitos, sem hábitos, ele nada teria em si que pudesse obstar o efeito de vossos trabalhos. Logo se tornaria em vossas mãos o mais sábio dos homens. (ROUSSEAU, 2004, p. 97)

O próprio processo de crescimento despertará no menino curiosidade e exigências, fazendo-o descobrir as diversas dimensões da experiência. Este crescimento deve ocorrer de forma natural, através de uma liberdade regulada, sem castigos e lições verbais.

Conservai a criança unicamente na dependência das coisas e tereis seguido a ordem da natureza no progresso de sua educação. [...] só a experiência e a impotência devem ser lei para a criança. Nada concedei a seus desejos porque ela o pede, mas porque precisa. (ROUSSEAU, 2004, p.83)

A criança deve aprender através do contato que ela tem com o mundo, pelos fatos. Analisando os fenômenos da natureza, tornando-se curioso, mas esta curiosidade não deve ser satisfeita.

### 3.1.1.1 INFLUÊNCIA DAS OBRAS DE ROUSSEAU: CONTRATO SOCIAL

No Contrato social Rousseau propõe que os homens façam um novo contrato social defendendo que sua liberdade seja fundamentada na experiência política ocorrida nas antigas civilizações, em que o consenso predomina garantido direito a todos os cidadãos. Levando em conta que o homem nasce livre, mas torna-se corrompido ao entrar em contato com outros na sociedade. Durante esta convivência diária as ações devem ocorrer resultando num bem coletivo. Conquanto afirme Rousseau (1951, p.11) “[...] a ordem social é um direito sagrado, em que todos os mais se escoram, direito não vindo da natureza, mas fundado em convenções”. A família é uma das mais antigas sociedades, e também a única natural. Conforme nos diz Rousseau

A família é, pois, [...] a norma primitiva das sociedades políticas: é o cabeça a imagem do pai, o povo a dos filhos; e havendo todos nascido iguais e livres, só a proveito comum alienam a sua liberdade. A diferença toda é que na família o amor que o pai tem aos filhos remunera os desvelos dêle; (sic) e no Estado, o júbilo de governar

supre o amor que a seus povos não tem o maioral político.  
(ROUSSEAU, 1951, p.12)

O mais forte só serve para ser senhor quando converter em direito a força e a obediência em dever. Somente através da junção das forças dos homens é possível conseguir os primeiros instrumentos da conservação do homem no estado natural. Portanto cabe ao povo escolher os seus representantes e a forma de governo mais adequada a suas necessidades através de um pacto social entre os homens.

[...] só a vontade geral pode dirigir as forças (sic) do Estado segundo o fim de sua instituição, o bem comum: pois se a discordância dos interesses particulares fez precisa a fundação das sociedades, possível a tornou a harmonia desses (sic) interesses. [...] ora é somente (sic) nesse comum interesse, que deve ser governada a sociedade. (ROUSSEAU, 1951, p.39)

A vontade do povo ao ser declarada revela soberania conforme a importância da vontade geral expressa através de um decreto. Quanto ao que é a lei, condição necessária à associação civil. O povo torna-se submisso a ela por tê-la criado.

Considerando as cousas (sic) humanamente, são vãs entre os homens as leis da justiça por falta de sanção natural; mas só fazem o bem do perverso, e o mal do justo, quando este (sic) as observa com todos, e ninguém as guarda com ele; logo são necessárias as convenções e leis, para unir os direitos aos deveres, e levar a justiça ao seu objeto. (ROUSSEAU, 1951, p.54)

No estado natural onde tudo é comum, só reconhecemos como alheio o que não nos é útil. O mesmo não ocorre no estado civil em que a lei prescreve os direitos. Com relação ao que é o governo e qual o papel que representa na sociedade, designa-se como,

[...] Um corpo intermédio, estabelecido entre os vassallos e o soberano, [...] encarregado da execução das leis, e de manutenção da liberdade tanto civil como política. [...] Chamo, pois govêrno (sic),

[...] o exercício legítimo do poder executivo; e príncipe, ou magistrado, o homem ou corpo incumbido dela. (ROUSSEAU, 1951, p.82)

As forças intermediárias são executadas pelo governo, e estas relações formam o Estado. O soberano dá às ordens ao governo que as repassa ao povo. São diversas as formas de governo, de acordo com a quantidade de membros que as constitui. Faz-se necessário compreender como ocorre esta divisão:

O soberano pode confiar o depósito do governo a todo o povo, ou a maior parte dêle, (sic) de sorte que haja mais cidadãos magistrados, que cidadãos simples [...] Essa forma de governo se chama Democracia. Ou pode restringir o governo em as mãos de um número pequeno [...] forma que tem o nome de Aristocracia. Ou pode ao fim concentrar todo o governo em um único magistrado [...] terceira e maior forma, chamada Monarquia, ou governo real. (ROUSSEAU, 1951, p.92)

Através dos tempos o homem procurou buscar a melhor forma de governo sem levar em conta que cada uma delas deve se adequar a cada tipo de sociedade. Quanto à importância de considerar a vontade geral do povo para que o estado possa ter um bom desenvolvimento, Rousseau considera que,

Quando o vínculo social afrouxa, e o Estado enfraquece [...] o interesse comum se altera, acha opositores [...] a vontade geral não é a de todos, agitam-se contradições e debates [...] o laço social, e que o mais vil interesse despejadamente se adorna com o sacro nome de bem público, a vontade geral emudece; (ROUSSEAU, 1951, p.146)

A vontade geral é inalterada, mas se torna submissa às outras que a superam. Os indivíduos desejam o bem geral, mas partindo do seu próprio interesse. Uma das formas propostas é através do exercício da democracia fundamentada no método político de algumas civilizações, dentre elas a Grega e a Romana. Em relação aos Romanos:

Dava cada um seu voto em voz alta, e o notário os ia escrevendo: pluralidade de votos em cada tribo determinava o sulfrágio dela; pluralidade de votos entre as tribos determinava o do povo [...] ótimo uso enquanto reinava entre os cidadãos a proibidade, e cada qual tinha pejo de dar seu voto a conselhos injustos, ou a indignos objetos; (ROUSSEAU, 1951, p. 165)

Logo que a corrupção tornou-se predominante entre o povo, e os votos eram comprados, foi conveniente que se fizesse a votação em segredo levando os compradores a desconfiança.

Este tratado propõe que os homens vivam em sociedade, lutando para não perder a liberdade, mas não apresenta como o homem pode exercê-la sem prejudicar os outros.

#### 4. CARTAS SOBRE EDUCAÇÃO INFANTIL

O livro cartas sobre educação infantil apresenta uma história peculiar, compreendendo o período de 1818 a 1819. Pestalozzi o escreveu em forma de cartas em número de trinta e quatro dirigidas a um amigo e admirador. Este amigo era o Inglês James Pierpoint Greaves, que visitou Iverdon entre 1817 e 1822, demonstrando interesse pela teoria e prática que Pestalozzi utilizava para a educação.

Es el caso de que dicho varón no conocía el idioma alemán que hablaba Pestalozzi, por lo que éste tuvo la idea de redactar para él un tratadito en el que se expusieran todas su ideas, con la intención de que luego fuera traducido al inglés y pudiera ser estudiado por su amigo y visitante. (Pestalozzi, 2006, p. XVI)<sup>1</sup>

Trata-se de uma obra sistemática, pois se refere ao planejamento de toda a problemática educacional, devido à fundamentação das soluções propostas e a multiplicidade de aspectos que são tratadas estas questões. Pestalozzi tinha uma intenção concreta: dar a conhecer o seu sistema de ensino na Inglaterra, onde a obra devia ser publicada. Com a qual procurava se adaptar a mentalidade dos ingleses, que eram aficionados pelos alemães. Na Inglaterra por motivos religiosos haviam questionamentos quanto às obras de Pestalozzi.

Se las tenía [...] por poco cristianas y algo empapadas de las ideas religiosas de los filósofos deístas de la ilustración. Es por eso que Pestalozzi se esfuerza en estas cartas [...] en mostrar que hay que animar de espíritu cristiano la educación de los niños y que su sistema no dice otra cosa. (PESTALOZZI, 2006, p.XVII)<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> É o caso de que este homem não conhecia o idioma Alemão que falava Pestalozzi, por isto que este teve a idéia de escrever um tratado em que foram expostas todas suas idéias, com a intenção de que logo fosse traduzido para o inglês e pudesse ser estudado por seu amigo e visitante. (Pestalozzi, 2006, p. XVI, Tradução nossa)

<sup>2</sup> Eram tidas [...] por pouco cristãs e impregnadas de idéias religiosas dos filósofos deístas da ilustração. É por isso que Pestalozzi se esforça nestas cartas [...] em mostrar que vai animar de espírito cristão a educação dos meninos e que seu sistema não disse outra coisa. (PESTALOZZI, 2006. p.XVII, Tradução nossa)

As idéias de Pestalozzi com respeito a educação por fundamentar-se na capacidade inata e espontânea do menino para seu desenvolvimento apresentam-se contrárias a doutrina do pecado original e da graça, por isso nesta obra ele se esforça em fazer com que seus princípios resultem compatíveis com o espírito do cristianismo.

#### 4.1 O CUIDAR E O EDUCAR

Através da exposição desta série de cartas sobre o desenvolvimento da alma infantil, será apresentada a importância que possui a educação na época mais importante da vida das crianças, logo após o seu nascimento. Cabe ressaltar que o amor materno possui capacidade única para educar

La madre se halla capacitada-y lo está por su creador mismo - para convertirse en la fuerza propulsora más importante en el desarrollo del hijo. [...] la madre tiene aptitudes, pues la providencia la ha adornado de las disposiciones requeridas para su misión. (PESTALOZZI, 2006, p. 6)<sup>3</sup>

Para auxiliar a criança no desenvolvimento de suas capacidades a mãe não necessita de uma formação refinada. Nos primeiros anos de vida, todos os conhecimentos adquiridos mediante a mais completa formação demonstram-se incapazes de facilitar a missão dela, por isso é necessário que ela possua principalmente o amor reflexivo. Toda mãe deve ter consciência das suas ações, levando em conta a necessidade de se ter uma clara idéia sobre qual é o objetivo que deve guiar a educação de seu filho. Mas deve decidir sobre os meios que há de desempenhar no primeiro estágio da educação.

Há de atenderse com idéntica solicitud a todas las capacidades de la naturaleza humana, pues sólo el cultivo simultáneo de todas ellas puede asegurar el éxito. [...] Ciertamente no lo conseguirá ella por

---

<sup>3</sup> A mãe se acha capacitada, e está por seu criador mesmo - para converter-se na força propulsora mais importante no desenvolvimento de seu filho. [...] a mãe tem aptidões, pois a providencia a agraciou destas disposições necessárias para sua missão. (PESTALOZZI, 2006, p.6, Tradução nossa)



medio de los libros, sino mediante una auténtica observación. (PESTALOZZI, 2006, p.9)<sup>4</sup>

A mãe ao observar os primeiros movimentos do filho começa a perceber seu desenvolvimento, a partir do momento em que ele começa a repeti-los, quando o menino movimenta suas mãos, segura um brinquedo. Esta ação da criança, a atividade desta pequena mão constitui um campo imenso das faculdades do filho que começam a fazer parte da mãe. Mas a máxima alegria dela consiste

[...] la mirada del hijo a los ojos de la madre [...] que del modo más contundente delata el alto puesto alcanzado em la jerarquia del ser. [...] la voz de la conciencia hablará em su corazón, la religión sostendrá sus pasos vacilantes y sus ojos se elevarán hacia el cielo. (PESTALOZZI, 2006, p.11)<sup>5</sup>

Desta forma a mãe vê no filho alguém que considera como um cidadão desta terra, nascido para a imortalidade, para uma felicidade completa, porque possui faculdades advindas dos céus. Logo que a mãe observa em seu filho os primeiros sinais de desenvolvimento, cabe a ela encontrar a melhor forma de dirigir estas faculdades nascentes dando ênfase as questões de maior repercussão para o seu bem, atendendo o que diz o seu coração.

[...] cuanto más querido es tu hijo, madre amorosa, con tanta mayor premura quisiera insistir em que examines esa vida em la que él se verá introducido algún día. La encuentras llena de perigos? Pues debes rodear a tu hijo de un muro protector que preserve su inocencia. Te parece la vida algo así como um laberinto de equivocaciones y errores? En tal caso has de mostrarle aquel hilo maraviloso que le llevará al manancial de la verdad. [...] debes procurar alimentar em tu hijo aquel espíritu de actividad que

---

<sup>4</sup> Há de ater-se com idêntica solicitude a todas as capacidades da natureza humana, pois só o cultivo humano simultâneo de todas elas pode assegurar o sucesso. [...] Certamente não conseguira ela por meio dos livros, mas mediante uma autêntica observação. (PESTALOZZI, 2006, p.9, Tradução nossa)

<sup>5</sup> [...] no olhar do filho aos olhos da mãe [...] que de modo mais consistente ela relata o grande objetivo alcançado da hierarquia do ser. [...] a voz da consciência falara em seu coração. A religião sustentará seus passos vacilantes e seus olhos se elevarão acima dos céus (PESTALOZZI, 2006, p.11, Tradução nossa).

mantenga viva sus fuerzas y que puede estimularlo a superarse. (PESTALOZZI, 2006, p.15).<sup>6</sup>

A educação do filho deve ser considerada como um dever sério e sagrado. Não consiste em aplicar advertências, correções, castigos e recompensas sem unificação de esforços, mas apoiando-se numa técnica adequada.

[...] la educación debiera suponer una ininterrumpida cadena de medidas a tomar que derivan de un mismo principio, a saber, el conocimiento de las invariables leyes de nuestra naturaleza; una serie de actitudes adoptadas por un espíritu constante-el espíritu de buena voluntad y de firmeza-y que llevan a un mismo objetivo, a saber, la elevación de la persona a la verdadera dignidad propia de un ser espiritual. (PESTALOZZI, 2006, p.62)<sup>7</sup>

Este tipo de educação só será alcançado se a mãe abandonar primeiro seu próprio coração a influência dos valores superiores, cultivando com desempenho em teu ser o amor espiritual e de fé que deve desenvolver em seu filho. Dessa forma ela deve refletir sobre até que ponto poderá contar com esperanças de êxito.

El mejor y casi infalible signo del buen resultado que haya obtenido consistirá em que há logrado habitar a su hijo en la práctica de la abnegación personal. De todas las virtudes que pueden ser formadas por una educación bien llevada, la de la abnegación es la más difícil

---

<sup>6</sup> [...] quanto mais querido é teu filho, mãe amorosa, com tanta maior pressa queira insistir em que examines esta vida em que ele será introduzido algum dia. Se encontra cheia de perigos? Pois debes rodear teu filho de um muro protetor que preserve sua inocência. A vida te parece como um labirinto de erros e equívocos? Neste caso deve mostrar-lhe aquele que o levará ao manancial da verdade. [...] deve alimentar em teu filho aquele espírito de atividade que mantém viva suas forças e que pode lhe conceder estímulo a superar-se. (PESTALOZZI, 2006, p.15, Tradução nossa)

<sup>7</sup> [...] a educação deve supor uma ininterrupta cadeia de medidas a tomar que derivam de um mesmo princípio, a saber, o conhecimento das invariáveis leis de nossa natureza; uma série de atitudes adotadas por um espírito constante - o espírito de boa vontade e firmeza que levam a um mesmo objetivo, a saber, a elevação da pessoa a verdadeira dignidade própria de um ser espiritual. (PESTALOZZI, 2006, p.62, Tradução nossa)

de suscitar; pero es también la aptitud más preciada que puede poseer una persona. (PESTALOZZI, 2006, p.64)<sup>8</sup>

Por isso a mãe deve ser educada em sua juventude, ou na experiência de vida, freqüentando a escola da abnegação pessoal. Desta forma há de alimentar em seu próprio coração a predisposição a uma bondade prática. Suas palavras, seu olhar de amor fraternal e seu exemplo se concretizarão de forma convincente, e seu filho futuramente bendirá sua memória e a honrará com sua virtude.

#### 4.2 A FORMAÇÃO ESCOLAR DA MÃE

Se existe grande poder na educação de um filho por aquela mãe que é privada de formação e ajuda quanto mais àquela que tem seus passos guiados pela experiência daqueles que antes dela se ocuparam desta mesma obra. Por isso a importância da formação escolar das mães para capacitá-la melhor para auxiliar no desenvolvimento da criança.

De todas las instituciones escolares, las más beneficiosas son aquellas en que se cultiva la educación hasta el punto de que se enseña el arte de educar: Los alumnos deben aprender, em esas escuelas, a actuar como maestros, y hay que educarlos de modo que se conviertan en educadores. Pero es el carácter femenino, sobre todo, quien debe ser educado prontamente em esta dirección a fin de capacitarse para poder desempeñar un papel singular em la educación temprana de los hijos. (PESTALOZZI, 2006, p.110)<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> O melhor e quase infalível signo do bom resultado consiste em haver levado o menino a prática da abnegação pessoal. De todas as virtudes que podem ser formadas por uma educação bem elevada, a da abnegação é a mais difícil de suscitar., mas é a atitude mais abnegada que uma pessoa pode possuir. ( PESTALOZZI, 2006, p.64. tradução nossa.

<sup>9</sup> De todas as instituições escolares, as que trazem mais benefícios são aquelas onde se cultiva a arte de educar: Os alunos devem aprender nestas escolas a atuar como professores, e educa-los de modo que se convertam em educadores. Sendo que o caráter feminino, sobretudo, é que deve ser educado nesta direção a fim de capacitá-la para poder desempenhar um papel singular na educação de seus filhos desde os primeiros dias de vida. (PESTALOZZI, 2006, p.110, Tradução nossa)

Para que possa atuar neste sentido é necessário compreender de forma profunda o caráter feminino e valoriza-lo como fundamento. O grande problema da educação feminina é que desta forma ela chega a formar um cidadão que não precisa controlar seus sentimentos sem ter noção dos desvios que podem ocorrer futuramente no desenvolvimento dos indivíduos.

No pasa de ser un simple prejuicio eso de creer que debe evitarse que la mujer se dedique con excesiva profundidad y extensión a la adquisición de conocimientos y al cultivo de su inteligencia porque, de lo contrario, el carácter femenino podría perder su simplicidad y todo lo que lo hace realmente valioso. (PESTALOZZI, 2006, p.111)<sup>10</sup>

Tudo depende da intenção e o espírito que se adquire o saber. O objetivo a ser alcançado deve honrar a natureza humana. O espírito dos estudos que uma mulher venha a ter devem ser adequados aos encantos do caráter feminino, animado de vida interior. (PESTALOZZI, 2006). A modéstia assegura autenticidade ao saber e a sensibilidade preservara o coração dos erros dos sentimentos. Toda mãe que deseja tomar parte ativa na educação intelectual dos filhos deve empenhar – se a descobrir qual é o tipo de saber que deve comunicar ao entendimento deles e a forma de realizar esta tarefa. Esta última questão é de maior importância porque conforme nos diz Pestalozzi:

[...] del modo como se enseñe dependerá el que el entendimiento infantil pueda captarlos o el que le resbalen [...] por no llegar a suscitarle interés alguno. A este respecto debería la madre saber distinguir exactamente entre lo que es pura cuestión de memoria y lo que es trabajo correspondiente a las facultades intelectuales propiamente dichas. (PESTALOZZI, 2006, p.113)<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> Não passa de ser um simples prejuízo crer que deve evitar-se que a mulher se dedique com excessiva profundidade e progressão a aquisição de conhecimentos e o cultivo de sua inteligência porque, do contrário o caráter feminino poderá perder sua simplicidade e tudo o que se faz de realmente valioso. (PESTALOZZI, 2006, p.111, Tradução nossa)

<sup>11</sup> [...] a forma como se ensina dependerá de como o entendimento infantil possa captar ou que deixem de dar atenção por não lhes suscitar interesse algum. A este respeito a mãe deveria saber distinguir exatamente entre o que é pura questão de memória e o que é trabalho correspondente das facultades intelectuais propriamente ditas. (PESTALOZZI, 2006, p. 113, Tradução nossa)

Para que sejam evitados os erros no ensino da criança, buscando a aprendizagem ao invés da memorização, a primeira regra que a mãe deve ater-se é ensinar sempre utilizando mais de coisas do que de palavras. Deve-se evitar ensinar o quanto possível ao menino coisas que não possam ser mostradas. Desta forma a criança será capaz de adquirir a memória ao mesmo tempo em que a impressão que o objeto tenha causado aos sentidos.

Mas cuando la madre enseña sirviéndose de cosas debe tener presente que, se forme um concepto, se requiere aun algo más que el exponer el objeto a los sentidos. Habrá que explicar las propiedades del mismo y el origen que tiene, se deberán describir sus partes estableciendo la relación que guarda com el conjunto; se aludirá también a la utilidad de esse objeto, a su eficacia y a su valor. (PESTALOZZI, 2006, p.115)<sup>12</sup>

Tudo isto de forma suficientemente clara e inteligível para que o menino consiga distinguir uns objetos de outros e compreenda suas diferenças. Para que este método seja significativo na formação dos conceitos dependerá, em parte das circunstâncias que não estão sob o controle da mãe. Mas isto não deve impedir a tentativa de tentar alcançar o objetivo que a educação pretende possuir, um caráter mais elevado do que aquele proporcionado pelo adestramento mecânico da memória.

Cuando ao niño no se le puedan mostrar los objetos reales deberán ofrecérsele, al menos, unos dibujos de los mismos. Los niños seguirán siempre com interés una enseñanza acompañada de grabados; [...] ese tipo de enseñanza resultará, al próprio tiempo, sumamente útil. (PESTALOZZI, 2006, p.115)<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> Mas quando a mãe ensina servindo-se de coisas deve ter presente que se forme um conceito, requer-se algo mais do que expor o objeto aos sentidos. Deve-ser explicadas as propriedades do mesmo e sua origem, suas partes devem ser descritas estabelecendo a sua relação com o conjunto; será apresentada também a utilidade deste objeto, sua eficiência e seu valor. (PESTALOZZI, 2006, p.115, Tradução nossa)

<sup>13</sup> Quando não se podem mostrar ao menino os objetos reais devem ser oferecidos, ao menos, uns esboços dos mesmos. Os meninos seguirão sempre com interesse no ensino acompanhado de desenhos; [...] esse tipo de ensino resultará, ao mesmo tempo, sumamente útil. (PESTALOZZI, 2006, p.115, Tradução nossa)

Ao apresentar a criança um conceito abstrato que não admite o método proposto, ainda deve ser seguido os mesmos princípios expostos. Devem ser realizadas explicações intuitivas, como são as que utilizam exemplos. As regras tornam o ensino penoso, já os exemplos permitem um caminho mais fácil por permitir a criança fazer a relação entre o que foi visto com o que é necessário interpretar.

### 4.3 OBJETIVO DA EDUCAÇÃO

A educação não deve ser entendida como um planejamento de exercícios sem uma vigilância contínua. Os que se ocupam dela devem preocupar-se com o desenvolvimento integral dos indivíduos. O fim da educação não deve estar fundamentado no aperfeiçoamento dos conhecimentos escolares, mas em preparar os indivíduos para um agir autônomo.

Hemos de tener muy presente que todo educando, cualesquiera que sean su clase social y la profesión a que esté destinado, posee ciertas disposiciones que, por ser propias de la naturaleza humana, son comunes a todos y constituyen el fundamento de todas las fuerzas humanas. (PESTALOZZI, 2006, p.82)<sup>14</sup>

Ninguém tem direito de limitar em alguma pessoa as possibilidades de desenvolvimento de todas as suas faculdades. Pode ser dada atenção especial algumas delas e propor objetivos modestos a outras.

La gran diversidad de aptitudes y propensiones, de planes y de esfuerzos que observamos em las personas, constituye ya de por sí una prueba fehaciente de la necesidad que hay de que actuemos de un modo distinto según los casos. (PESTALOZZI, 2006, p.82)<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> Temos de ter muito presente que todo educando, qualquer que seja sua classe social e profissão a que está destinado, possui certas disposições que, por serem próprias da natureza humana, são comuns a todos e constituem o fundamento de todas as forças humanas. (PESTALOZZI, 2006, p.82, Tradução nossa)

<sup>15</sup> A grande diversidade de atitudes e propensões, de planos e esforços que observamos nas pessoas, constitui por si mesma uma prova eficiente da necessidade de que atuemos de forma distinta segundo cada caso. (PESTALOZZI, 2006, p.82, Tradução nossa)

É necessário possibilitar a criança o desenvolvimento de suas faculdades, a não ser que se trate daquelas que não são tão necessárias para sua futura profissão ou para a função em que irá ocupar na vida futura. A educação deveria

[...] en vez de considerar únicamente aquello que debe transmitirse a los niños, empezar por tomar en cuenta lo que éstos tienen em sí, que son unas facultades no en pleno desarrollo pero sí aptas para el mismo. Mas adónde apuntan estas consideraciones abstractas? [...] el hombre há de agradecer al magno creador de la vida la posesión de esas facultades innatas, y que es responsable del uso de que ellas haga. (PESTALOZZI, 2006, p.83)<sup>16</sup>

Dessa forma não corresponde à educação decidir o que há de se fazer de um menino, sim auxilia-lo a averiguar para que coisas ele esta capacitado como ser dotado de razão e sentido moral, além dos meios adequados para que ele se aperfeiçoe conforme o objetivo do pai onipotente de todos os homens. Este objetivo se concretiza através da doutrina cristã. Conforme afirma Pestalozzi:

La vocación última del cristianismo, tal como lo revela la sagrada escritura y lo proclaman las páginas de la historia, consiste [...] en haber llevado a cabo la tarea de consumir la educación del género humano. Tiene como misión elevar a todas las personas, aminorando así las inquietudes de muchos; y, por distintas que sean las aptitudes de las personas y las circunstancias en que éstas se mueven, vienen todas a participar de aquel mismo espíritu único que, de lo suyo, distribuye a todos según le parece. (PESTALOZZI, 2006, p.143)<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> [...] em vez de considerar unicamente aquilo que deve ser transmitido aos meninos, começar por tomar em conta o que isto tem em si, que são umas faculdades não em pleno desenvolvimento, mas aptas para o mesmo. Mas onde se encontram estas considerações abstratas? [...] o homem deve agradecer ao magnífico criador da vida a possessão destas faculdades inatas, e que é responsável pelo uso que delas se faça. (PESTALOZZI, 2006, p.83, Tradução nossa)

<sup>17</sup> A última vocação do cristianismo, tal como revela a sagrada escritura e proclamam as páginas da história, consiste [...] em haver levado a cabo a tarefa de consumir a educação do gênero humano. Tem como missão elevar todas as pessoas aminorando assim às inquietudes de muitos; e, por distintas que sejam as atitudes das pessoas e as circunstâncias em que estas se movem, vem todos a participar daquele mesmo espírito único seu, distribui a todos segundo lhe parece. (PESTALOZZI, 2006, p.143, Tradução nossa)

O cristianismo não é elaborado para determinadas condições de vida, interessa para a natureza humana em todas suas variáveis manifestações.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a proposta de análise do conceito do cuidar e do educar nas cartas sobre educação infantil de Johann Heinrich Pestalozzi, comprovou-se que Pestalozzi procurou trazer contribuições a respeito de como ocorre este cuidar e educar. Foi possível compreender que Pestalozzi durante toda a sua vida sempre teve por objetivo a efetivação de um projeto de formação integral do homem, através do desenvolvimento de todas as suas faculdades, sendo iniciado após o nascimento no lar com a mãe e continuado na escola. Pestalozzi nas cartas expôs suas idéias sobre o desenvolvimento da alma infantil. Ele apreciava a importância da educação na época da mais tenra idade, assunto que na época em que ele viveu não era levado em consideração.

Tanto no presente quanto em épocas passadas, todos os esforços se dirigem, de forma geral para aperfeiçoar a escola e sua forma de ensino. Mas devemos considerar que estes esforços não se estendem à fase anterior a escolarização. Para que assim chegue a ser as melhoras no nosso sistema educativo deveriam estender-se até esta fase da educação para que os espaços educativos valorizassem realmente este saber que o aluno traz de outros espaços aquém do contexto escolar.

Podemos perceber que Pestalozzi através de sua obra apresenta o papel que o amor materno possui agraciado pela divindade, assegurando a formação moral do menino, garantindo a base para o desenvolvimento de todas as suas faculdades.

Esta formação integral do menino, no lar aos cuidados maternos pode ser adequada ao contexto atual desde que contemple os indivíduos indistintamente, sem considerar o gênero, cultura e classe social, porque todos precisam ser educados e preparados para atuar de forma significativa na sociedade. Para Pestalozzi a educação deveria ter o intuito de fazer com que os indivíduos cheguem a perfeição através do desenvolvimento de todas as capacidades humanas, humanizar o homem é o fim da educação. Cabe a pedagogia formar o profissional habilitado para lidar com as diferenças e trabalhar de forma que ambos os sujeitos tenham condições de aprender de forma significativa os conteúdos sistematizados.

A realização deste trabalho, através de uma abordagem teórica de pesquisa proporcionou uma maior compreensão da vida e obra de Pestalozzi, concedendo a autora lançar um olhar crítico sobre os apontamentos e questionamentos prescritos pelo autor, em que estão presentes o projeto de formação integral, iniciado com a família, especialmente a figura materna, e através do cristianismo preparando o ser individual para o momento em que se juntará aos outros homens fazendo escolhas que influenciarão diretamente na sua maneira de viver e participar na sociedade. Seu objetivo foi demonstrar a importância da educação materna como formadora de todas as capacidades para que o menino em fase adulta ao se deparar com os problemas e dificuldades da vida em sociedade não se torne corrompido.

Analisando o atual contexto em que as crianças crescem e se desenvolvem podemos perceber que a formação intelectual e moral da criança não ocorre na maioria das vezes no lar. Os pais estão colocando seus filhos cada vez mais cedo numa instituição e cobrando que estes órgãos façam o que é dever da família, e principalmente da mãe na educação dos filhos. Tomando como base os princípios educativos propostos por Pestalozzi vemos que a família, de forma especial, a figura materna tem importante influência na formação integral dos filhos, mas delega papéis à escola sendo que não compete a este órgão realizar esta etapa educativa que antecede o ensino da educação pré-escolar. Dessa forma nós enquanto futuros educadores devemos considerar a importância dos conhecimentos prévios do aluno, reelaborando o conteúdo assimilado resultando na aprendizagem concebida como o objetivo maior da educação.

## REFERÊNCIAS:

- ARIÊS, Philipe. O sentimento da infância. In: \_\_\_\_\_. **História social da criança e da família**. 2ªed. Rio de Janeiro: Itc, 1981. p.157-158.
- CAMBI, Franco. Características da educação contemporânea. In: \_\_\_\_\_. **História da pedagogia**. Trad. de Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora Unesp, 1999. p. 387.
- CAMBI, Franco. O século XIX: O século da Pedagogia: Conflitos ideológicos, modelos formativos, saberes da educação. In: \_\_\_\_\_. **História da pedagogia**. Trad. de Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora Unesp, 1999. p. 424-426.
- CAMBI, Franco. O Século XVIII: Laicização educativa e racionalismo pedagógico. In: \_\_\_\_\_. **História da pedagogia**. Trad. de Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora Unesp, 1999. p. 347-349.
- HOBSBAWM, Eric J. Evolução. In: \_\_\_\_\_. **A era das revoluções: Europa 1789-1848**. Trad. de Marcos Penchel; Maria Lopes Teixeira. 19ª ed. São Paulo: Paz e terra, 2005. p. 49- 113.
- INCONTRI, Dora. Introdução. In: \_\_\_\_\_. **Pestalozzi: educação e ética**. São Paulo: Scipione, 1997. p.17.
- INCONTRI, Dora. A pratica da educação moral. In: \_\_\_\_\_. **Pestalozzi: educação e ética**. São Paulo: Scipione, 1997. p. 96.
- KISHIMOTO, Tizuco Morchida. Educação Infantil Integrando Pré-escolas e Creches na busca da socialização da criança. In: HILSDORF, Maria Lúcia Spedo; VIDAL, Diana Gonçalves (org.). **Brasil 500 anos: Tópicos em história da educação**. São Paulo: edusp, 2001. p.228-230.
- LUZURIAGA, Lorenzo. A pedagogia no século XVIII. In: \_\_\_\_\_. **História da educação e da pedagogia**. Trad. de J.B damasco Penna; Luiz Damasco Penna. 19ª ed. São Paulo: Nacional, 2001. p.173-179.
- PESTALOZZI, Johann Heinrich. **Cartas sobre educación infantil**. Trad. de José María Quintana Cabanas. 3ª ed. Madrid: tecnos, 2006.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Contrato Social**. Trad. de B. L Vianna. São Paulo: Simões, 1951.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Emílio, ou, da educação**. Trad. de Roberto Leal Ferreira. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SCOTTINI, Alfredo. **MINIDICIONÁRIO SARAIVA: Espanhol-Português, Português-Espanhol**. 7ª ed. Blumenau: Todolivro, 2009.

SNYDERS, Georges. Os séculos XVII e XVIII. In: Debesse, Maurice; Mialaret, Gaston (org.). **Tratado das ciências pedagógicas**. Trad. de J.B Damasco Penna; Luiz Damasco Penna. São Paulo: Nacional, 1974. V. 2, p.283-285.